

O LIVRO DE ESTER COMO LITERATURA?

Nova Abordagem a uma História Antiga

Wilma McClarty

Alguma vez você se perguntou por que o livro de Ester se encontra na Bíblia? Alguns o têm feito. Martinho Lutero almejou que ele não existisse, em virtude daquilo que considerou como indiscrições pagãs. Antigos ensina-dores judeus questionavam se a sua leitura seria capaz de contami-nar as mãos. Em o Novo Tes-tamento não existem alusões ao livro de Ester. Tampouco acha-se o livro representado nos ma-nuscritos do Mar Morto. Mulhe-res modernas criticam o livro em virtude de suas atitudes chauvi-nistas.

Mesmo que todas estas obje-ções pudessem ser satisfatoria-mente respondidas, outras ques-tões intrigantes persistiriam: Por que o livro não faz menção a Deus? Ou à oração? Por que Es-ter conservou em segredo sua identidade judaica? Certamente não foi este o procedimento de Daniel. Por que foi demonstrado tão forte espírito revanchista contra os filhos de Hamã? Por que uma seguidora do Deus ver-dadeiro consentiu, antes de mais nada, em casar-se com um rei pa-gão? E o mais incômodo de tudo, o que dizer do belo espetáculo teatral que motivou o processo de seleção de uma nova rainha?

O que diria você a um adoles-cente que citasse Ester como mo-delo cristão de relacionamento com o sexo oposto a fim de justi-ficar relacionamentos seculares, um estilo de vida pagão e até mesmo sexo pré-marital?

Não lhe parece que seria útil colocar todas estas questões diante do autor do livro de Ester?

Contudo, uma vez que o autor não só está morto como também é desconhecido, nem mesmo so-mos capazes de obter vislumbres secundários do assunto ao com-pararmos esta obra com outras que o mesmo autor pudesse ha-ver escrito. Tudo mal por aí, des-sa forma.

Entretanto, poderemos encon-trar respostas a muitas das per-turbadoras questões levantadas pelos leitores críticos da narra-tiva épica de Ester — aqueles cujo interesse é mais profundo do que apenas conspirar — quando tra-tarmos a história de Ester como a magistral peça literária que ela realmente é.

Abordagem Literária

Mediante seu fascinante *enredo*, suas *personalidades* psicológica-mente interessantes, seu *cenário* historicamente definido, seu onisciente *ponto de vista* de terceira pessoa, seu *estilo* conscientemente artificioso, e seus provocativos *temas* (além daquilo que *não é dito*) — obtém-se uma combinação que torna o li-vro de Ester uma inigualável his-tória de “curta-metragem”, cuja análise literária talvez possa cla-rificar os propósitos do autor. Ve-jamos como ilustração um tema que se torna cada vez mais evi-dente mediante a análise literá-ria: o tema da providência divi-na e da capacidade de escolha hu-mana.

A análise do *enredo* — obviamen-te o primeiro passo lógico — envolve estrutura e desenvolvi-

mento determinantes. Autores de histórias — mesmo as verídicas — necessitam tomar decisões até mesmo quando redigem seu relato. A história de Ester, com sua exposição, seguida de exci-tante robustez, ação construtora e logo após o ponto de viragem, reflete um autor conscientemen-te engenhoso. A história inicia apresentando a mais ampla pros-peridade, desce então a eventos possivelmente trágicos e depois reascende rapidamente a um fi-nal feliz. A tensão é estimulada a crescer, e logo depois liberada. A trama desenvolve-se nos três estágios de prelúdio, conflito e conseqüências, com a crescente ação da história descrevendo de que modo foram sendo vencidos os vários obstáculos que dificul-tavam o livramento do povo de Ester.

Similarmente, a Bíblia como um todo inicia com a Terra cria-da perfeita por Deus, desce às muitas gerações da miséria hu-mana e finaliza com um mundo totalmente recriado, onde reinam completa felicidade e vitória so-bre o pecado.¹ Portanto, até mesmo a estrutura de um enredo muito bem elaborado pode ser tematicamente interessante, sim-bolizando o triunfo último que alcançaram os vitoriosos filhos de Deus.

A análise do enredo envolve a determinação da forma como o autor utilizou aspectos tais quais o conflito, a ironia dramática, o diálogo e a antevisão a fim de ofe-recer apoio ao tema da história. O mais significativo *conflito* temático é aquele que ocorre entre

Hamã e Mardoqueu, que simbolicamente ultrapassa os limites da esfera pessoal. Trata-se da animosidade entre um filho de Quis e um filho de Agague (2:5; 3:1), e que representa um instante da longa rivalidade existente entre o povo de Deus e os amalequitas (veja Êxodo 17:16).

Ironia dramática, outro artifício do desenvolvimento do enredo, é utilizada várias vezes ao longo da história. No momento em que Ester revela sua identidade judaica e salva seu povo, ela “apresenta uma das mais efetivas ironias dramáticas da Bíblia.”² O enforcamento de Hamã no instrumento por ele mesmo preparado, é de todos os aspectos o mais irônico.

O autor combina os artifícios de desenvolvimento de enredo, quais sejam, diálogo e antevisão, no momento em que a mulher de Hamã e seus conselheiros profeticamente o advertem: “Se Mordecai, perante o qual já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele, antes certamente cairás diante dele” (6:13, Almeida Revista e Atualizada). Esta observação apresenta um assunto tematicamente significativo — qualquer um que contenda com um judeu (simbolicamente, com qualquer filho de Deus), será malsucedido.

As *personalidades* de uma história podem ser planas ou circulares, sendo que as circulares ou complexas são capazes de modificar-se. Na história de Ester ela própria é a personalidade mais complexa. À medida que a narrativa se desenvolve, Ester progride desde o ponto em que é a indefesa e manipulada sobrinha de Mardoqueu até o ponto em que se torna mentora do tio. Ela ultrapassa tanto Hamã quanto Mardoqueu em sagacidade na elaboração e execução de planos. A partir do capítulo 4, é Ester — e não os homens — que assume o controle, evoluindo de objeto sexual para uma bem-dotada sábia — e esta observação pode ajudar a resolver a questão quanto ao comportamento sexual que antes foi apresentado.³ Adicionalmente, todos os personagens da

história tomam decisões reais que fazem avançar o enredo e em termos últimos determinam o destino individual de cada um.

O terceiro elemento da narrativa é o *cenário*, ou seja, o tempo e o lugar em que a história ocorre. Qualquer que tenha sido o autor, existe concordância dos eruditos em que ele certamente se achava bem familiarizado com a vida da corte persa, com seus atefatos e costumes. Os detalhes específicos da história oferecem credibilidade à pretensão do autor quanto à historicidade do evento. Por conseguinte, esses detalhes de tempo e lugar também oferecem apoio aos temas da história.

O *ponto de vista* — quarto elemento da narrativa — diz respeito ao modo como a história é contada; Ester aparece como elemento de terceira pessoa, e não de primeira. O autor que utiliza o ponto de vista da terceira pessoa pode revelar os pensamentos íntimos dos personagens, como quando Mardoqueu diz a Ester: “Porque se de tudo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento” (4:14, Almeida). Uma vez mais, e com muita habilidade, o autor utiliza um novo elemento de narrativa a fim de introduzir o tema da vitória última do povo de Deus.

O quinto elemento da narrativa é o *estilo*, ou seja, a linguagem usada pelo autor. Um dos aspectos estilísticos usados frequentemente pelo autor de Ester, é o uso abundante de símbolos — um indivíduo ou objeto que aparece em lugar de outro que não ele próprio. No livro de Ester, as personalidades são — elas próprias — os mais fortes símbolos, com a rainha representando o perturbado povo de Deus — daquela época e da atualidade — que, ao mesmo tempo em que toma decisões momentosas, aguarda o providencial plano divino de libertação.

O uso de “sinônimos supérfluos” — melhor dizendo, pleonasmos, que neste caso são figurados ou literários — é um outro artifício usado pelo narrador:

“Para que se destrussem, matassem e aniquilassem de vez a todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres” (3:13, Almeida). Além disso Ester usa “os mesmos três verbos de destruição quando fala ao rei a respeito daquilo que Hamã ordenara (7:4). Todos eles são usados uma terceira vez quando o edito é invertido (8:11; 9:12)”.⁴ Uma vez mais, a vitória final do povo de Deus é estilisticamente enfatizada.

O último elemento da narrativa — ao qual todos os demais elementos devem convergir numa história engenhosamente elaborada — é o *tema*. O enredo é simplesmente aquilo que acontece; tema é o verdadeiro significado que se busca. O *Seventh-day Adventist Bible Commentary* resume os ensinamentos morais e religiosos da história de Ester em quatro temas: a providência de Deus; a origem da festa de Purim; a natureza instável do poder humano, onde Deus humilha o soberbo e exalta o povo que nEle confia; e a união do poder divino aos esforços humanos.

Outros eruditos debatem temas adicionais que, crêem eles, existem no livro, tal como o tema da diáspora. Mas a questão temática mais perturbadora diz respeito à ausência de elementos religiosos óbvios, como a não referência a Deus ou a práticas religiosas como a oração. Entretanto, todos os exemplos apresentados nesta análise literária ilustram modos pelos quais um autor habilidoso utiliza os seis elementos básicos da narrativa a fim de enfatizar um tema que por excelência é religioso — a vitória final do povo de Deus no contexto das decisões humanas assumidas livremente.

Porventura outros eruditos também destacam o mesmo tema? Ao empreender minha pesquisa em relação à análise literária detalhada da história de Ester, fui posto em contato com pelo menos meia dúzia de estudiosos que também enfatizaram o tema da providência.⁵ Uma destas citações é particularmente surpreendente, uma vez que menciona a habilidade literária do autor:

Ester é um texto único entre as escrituras do Antigo Testamento, no que diz respeito ao tratamento que apresenta em relação a questões morais e religiosas. O escritor aparentemente sublinhou o valor da intriga política e da sagacidade humana e deixou de salientar — se não descartou — a possibilidade de intervenção divina. Ao mesmo tempo a habilidade literária do autor praticamente não deixa dúvidas na mente do leitor, no sentido de que a providência divina está em operação à medida que a narrativa prossegue, e que a natureza indestrutível do Povo do Concerto revelar-se-á por fim evidente.⁶

Embora a história de Ester seja uma entidade por si mesma, o tema da providência divina coloca-a em pleno acordo com a Bíblia de modo geral — a vitória última do povo de Deus, então e no futuro. Ellen G. White, que pouco tratou do livro de Ester, alude à natureza simbólica de sua experiência.⁷ Uma vez mais, até mesmo o formato da história reflete o formato geral da narrativa bíblica, presente em todos os 66 livros: do Jardim do Éden à Queda, e desta ao Éden restaurado.

A Bíblia Como Literatura

O gênero dominante no Velho Testamento é a narrativa, ainda que cerca de um terço da mesma porção bíblica se constitua de poesia. Outros gêneros representados na Bíblia incluem a parábola, a epístola, a crônica e o sermão — sendo que todos estes gêneros possuem seu próprio conjunto de características.

Assim, a abordagem a toda a Bíblia — e não apenas ao livro de Ester — sempre a partir de uma mesma forma, ou seja, de um modo não literário, está destinada a perder de vista não apenas o senso de deslumbramento que nos advém quando percebemos a habilidade de um autor, como ainda — e este é o aspecto mais importante — a maravilha da compreensão ampliada de seu conteúdo.

Quanto mais analiso a litera-

tura da Bíblia, mais me apercebo de que uma abordagem literária é não apenas recomendada, como ainda imperativa. A percepção das maneiras como a estrutura é capaz de apoiar os temas e as técnicas, pode enfatizar os pontos principais — o relacionamento artístico simbiótico entre “som e sentido” — e esta percepção enriquece o leitor de uma forma como nenhuma outra abordagem é capaz de o conseguir.

Vislumbrar o cânone sagrado como literatura talvez constitua um conceito difícil de ser aceito por alguns. Ainda assim, é verdade que a Bíblia contém algumas das mais antigas e mais notáveis histórias “curta metragem” e poemas dos quais temos conhecimento. Assim, o mais natural seria esperarmos que os grandes temas houvessem sido escritos por autores talentosos, capacitados — mediante os talentos recebidos de Deus — a registrar as inspiradas mensagens divinas, dando assim uma forma cheia de propósito a seus escritos.

O relato [dos autores bíblicos] possui beleza de formas cuja delicadeza apenas estamos começando a compreender, e ele foi elaborado por escritores dotados de brilhantes talentos no sentido de examinar personalidades, definir cenas, esboçar diálogos, elaborar motivações, apresentar equilibradamente episódios próximos e distantes, tal como os poemas transbordantes de temas divinos, dos salmistas e profetas, que evidenciam uma deslumbrante virtuosidade em seus arabescos de sonoridade e sintaxe, de jogos de palavras e imagem.⁸

Embora existam no livro de Ester outros temas que não o da providência divina, certamente a análise literária do livro é capaz de oferecer apoio ao pensamento de que este é o seu tema dominante. Tão importante quanto isto é o fato de que a mesma análise literária, através de seus processos, pode ajudar-nos a compreender que alguns incidentes questionáveis da narrativa — tais como o fato de Ester casar-se com um rei pagão ou a ocultação de sua nacionalidade judaica —

não se relacionam com os temas do autor e tampouco são apresentados como modelo de conduta. Os incidentes são fatos do enredo, da história. Deus fez o melhor que pôde através das pessoas com as quais podia contar — e isso ocorreu com Moisés, Davi e Pedro — ao mesmo tempo que não as impediu de exercitarem livremente sua vontade.

De nenhum autor se poderá querer que faça mais do que deveria ser feito — e nenhum erudito, dentre dezenas que pesquisei, sequer chegou a mencionar — como assunto específico desenvolvido no livro — o tema relacionado com o modo como o cristão deve entrevistar-se com o sexo oposto ou comportar-se diante do casamento.

A análise literária ajuda não apenas a ver o que realmente constitui questão tematicamente pertinente, como também aquilo que não o é. E quase todas as questões suscitadas ao início poderiam ser parcial ou completamente explanadas através de análise similar, aplicada a cada questão em particular.

Noutro artigo sugeri cerca de uma dúzia de razões pelas quais a Bíblia deveria ser abordada tal qual ela realmente é — uma grande peça literária.⁹ A seguinte citação resume todas estas razões:

A Bíblia demanda uma abordagem literária porque seus escritos são literários por natureza. A Bíblia é um livro de experiências que retrata a realidade concreta da experiência humana. Acha-se repleta de talento e beleza artísticas, grande parte dos quais sob a forma de gêneros literários. Ela também faz uso contínuo de recursos de linguagem, que podemos considerar como literatura.

A abordagem literária presta atenção íntima a todos estes elementos de forma literária, pois é através deles que a Bíblia comunica suas mensagens.¹⁰

Graças a Deus pelas palavras e pelos autores que as utilizaram — de modo significativo, articulado, notável. E em parte alguma eles escreveram melhor que na Bíblia. Claro, porém, que uma boa peça literária exige um bom leitor. Assim, em sua próxima leitura do

texto bíblico manifeste sua surpresa, humildade e atitude de adoração, bem como sua disposição em ouvir e aprender — sim, todos estes elementos juntos. Mas aplique a seu estudo, da mesma forma, o conhecimento literário. Ele enriquecerá e aprofundará sua compreensão da Palavra de Deus.

NOTAS

1. Leland Ryken, *The Literature of the Bible* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1985), págs. 75 e 83.

2. Leonard L. Thompson, *Introducing Biblical Literature: A More Fantastic Country* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc., 1978), págs. 127 e 128.

3. Bruce Jones, "Two Misconceptions about the book of Esther", *Catholic Biblical Quarterly*, 39 (1977), págs. 172, 173 e 176.

4. *Idem*, pág. 178.

5. Wilma McClarty, "An Analysis of the Book of Esther as Literature" (ensaio preparado para um seminário do Institute for Christian Teaching, levado a cabo no Union College, Lincoln, Nebraska, em junho de 1988).

6. R. H. Harrison, *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Association, 1969), págs. 1098 e 1099.

7. Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948), volume 5, pág. 450.

8. Robert Alter, "Introduction to the Old Testament", *The Literary Guide to the Bible*, edição de Robert Alter e Frank Kermode (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987), pág. 15.

9. Wilma McClarty, "Why Teach the Bible as Literature?", *The Journal of Adventist Education*, 51:4 (Abril-Maio de 1989), pág. 23.

10. Leland Ryken, *How to Read the Bible as Literature* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1985), pág. 30.

Wilma McClarty (Doutora em Educação pela Universidade de Montana) leciona literatura, composição e oratória no Southern College of Seventh-day Adventist, sediado em Collegedale, Tennessee, EUA. Este artigo é o resumo de um ensaio mais amplo sobre o mesmo tópico, preparado

pela autora durante seminário patrocinado pelo Institute for Christian Teaching. (Veja a página 35 deste número.)

DEBATE

Ester Como Literatura

1. Você está satisfeito(a) com os argumentos apresentados pela autora? Porventura existe o risco de se perder de vista a mensagem espiritual da Palavra de Deus quando lhe aplicamos uma abordagem literária? Por que?

2. Em que sentido pode a abordagem literária enriquecer e aprofundar a compreensão que possuímos da Bíblia? Você poderia apresentar alguns outros exemplos de livros ou passagens das Escrituras?

3. De que modo descreveria você, do ponto de vista psicológico, os personagens do livro de Ester? Eles parecem reais a você? Podem eles ser apresentados como modelos de conduta cristã? Até que ponto a sua conduta refletiu o contexto cultural em que viveram? Porventura temos agora uma compreensão melhor do ideal divino para a conduta humana do que aquela que existia nos dias de Ester? Por quê?